

A MISSÃO DOS FORMADOS EM LETRAS

Gilberto Scarton *

Senhor

Há dois amores somente:

O amor por mim mesmo

E o amor por ti e pelos outros.

E cada vez que me amo, é um pouco menos de amor por Ti e pelos
[outros.

É um vazamento do amor,

Uma perda de amor,

Pois o amor foi feito para sair de mim e voar para os outros;

Cada vez que ele volta a mim, se estoíla, apodrece e morre.

O que é mais grave é que o amor por mim mesmo é um amor
[roubado

Era destinado aos outros, alguém precisava dele para viver, para
se desabrochar e eu o desviei.

Assim, o amor por mim mesmo faz o tormento humano,

Assim, o amor dos homens por si mesmos faz a miséria humana,

Todas as misérias humanas,

Todos os sofrimentos humanos.

Todas as injustiças, as amarguras, as humilhações, as mágoas, os
ódios, os desesperos.

Todos os sofrimentos são uma fome insatisfeita,

Uma fome de amor.

Assim construíram os homens, lentamente, egoísmo por egoísmo,
um mundo desnaturalizado que esmaga os próprios homens.

Assim os homens na terra passam o tempo a se devorar com seus
amores machucados,

Enquanto em torno deles os outros morrem de fome, estendo-lhes
os braços.

Desperdiçaram o amor.

Faze, Senhor, que eu derrame no Mundo o amor verdadeiro.

Faze que por mim e por teus filhos ele penetre um pouco em todos
os meios, em todas as sociedades, em todos os sistemas econômicos
e políticos, em todas as leis, em todos os contratos, em todos os
regulamentos.

Que ele penetre no coração de todos os homens e não se esqueçam
eles nunca que a luta por um mundo melhor é uma luta de amor,
a serviço do Amor." — Michel Quoist — Poemas para rezar
(da adaptação)

Numa noite de galas como esta, penso numa série extensa de nomes
que aqui poderiam estar, em meu lugar, na honrosa incumbência
de vos entregar os diplomas.

Paro e desço dentro de mim, e analiso o que sou, e penso:

Que represento diante do carinho e compreensão infinita de vossos

pais, esposos e filhos, que esperaram por vós no silêncio de muitas

noites, que renunciaram muitas vezes o calor de vossa companhia,

que vos animaram nos momentos duros do caminho a palmilhar?

Que represento diante do esforço de dezenas de mestres, mestres

que vos ensinaram as primeiras letras, mestres que vos acompa-

nharam ao longo do primeiro e segundo grau, mestres que compartilha-

ram comigo a responsabilidade de vossa formação universitária?

Vejo quanta bondade vai em vosso gesto, vejo quanta bondade há
na lembrança da indicação de meu nome...

Quero agradecer-vos por esta distinção, quero que salvais a satis-

fação íntima que guardo em mim há muito tempo, satisfação que

poderia envaidecer-me sumamente, não visse eu a obrigação de par-

tilhar as honras desta escolha, as honras desta homenagem.

Reparto, pois, com as pessoas que vos são caras, com vossos mes-

tres de longos anos, com os senhores professores do Instituto de

Letras, as honras, repito, as honras desta homenagem.

Que devo dizer-vos no entanto, caras afilhadas, no esplendor deste
ato, que marca a culminância de uma carreira?

Que palavra final levar convosco num momento histórico em que

assistimos a derrocada de valores até há pouco considerados

inabaláveis?

Que mensagem ditar para o contexto de nossa civilização, quando

assistimos a estandartização crescente do homem, a progressiva

desumanização da pessoa... quando assistimos a uma espécie de

desintegração, de decomposição, de apodrecimento do próprio

homem?

* Discurso de parágrafo por ocasião da formatura de 18 de julho de
1976, das formadas do Instituto de Letras da PUC/RS.

Levai convosco uma mensagem de amor, de fraternidade humana, mensagem que está no espírito da Universidade que vos diplomou, não vos esquecendo que a luta por um mundo melhor é uma luta de amor, a serviço do Amor.

Levai convosco esta mensagem, guardando na lembrança as palavras que adaptamos de quem escrevia aos coríntios:

Ainda que tenhais o dom da profecia e conheçais todos os mistérios e toda a ciência, se não tiverdes amor, nada sereis.

Ainda que faleis ou traduzais as línguas dos homens e dos anjos, se não tiverdes amor, sereis como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

Assim, tudo haveis de fazer pelo vosso próximo.

Vós o reconheceréis, recordando o episódio do Bom Samaritano.

Pela vida a fora, à margem dos caminhos, encontrareis os sucumbidos da adversidade, esquecidos, espoliados, feridos, desprezados. Passarão indiferentes e apressados homens de todas as castas e de todos os credos. Vós, não. Sabereis curar as feridas, derramar o óleo e o vinho, procurar o abrigo, garantir a vigilância.

Vosso próximo é este que cai consumido de dor, esperando o amparo de vosso braço, o bálsamo de vossa palavra, o consolo de vossa devoção.

Vosso próximo é o corpo cansado e que se verga sobre a classe e repousa a cabeça por entre os braços, e dorme, numa escola perdida na noite;

vosso próximo é a mão calejada do trabalhador que de lápis em punho sorve as palavras que proferis;

vosso próximo também são as crianças que escrevem hoje nossas histórias da infância, lembrando o que um dia fomos;

é a criança que esconde seus risos atrás de um banco escolar e guarda em silêncio os destinos da Pátria;

é a criança triste que busca na escola o pão e a alegria de viver;

Vosso próximo é essa pujante juventude brasileira, cheia de sonhos, de vontade de viver, de ânsia de construir.

Tendes nas mãos os destinos da Pátria.

O compromisso é imensurável.

E por isso tudo haveis de fazer pelo vosso próximo.

Lembrai-vos também que haveis de cuidar do que de mais humano ele tem, do que de mais humano tem o homem: a linguagem — fonte inesgotável de tesouros múltiplos, que segue o homem em todas as suas tarefas; instrumento com que o homem dá forma a seus pensamentos e sentimentos, a seu estado de ânimo, a suas aspirações, a seu querer, a seu atuar; instrumento mediante o qual exerce e recebe influências; último refúgio nas horas de solidão, quando a mente luta com a existência e o conflito se resolve no monólogo do poeta e do pensador; cimento mais firme

e profundo da sociedade humana, na expressão do linqüista dinamarquês Hjelmslev.

E ouvi ainda isto, embora as palavras devem pesar rudemente em vossos corações:

Jurastes cumprir a lei e os deveres de professor e bacharel em letras, jurastes dedicar-vos à educação e instrução dos que vos forem confiados e incutir-lhes o Amor e à Pátria.

E cada lição mal tratada, cada aprendizagem mal conduzida, cada conteúdo mal escolhido, cada texto mal traduzido ou cada passagem mal interpretada há de ser uma quebra do juramento, um desperdício de vossas faculdades de amor, um vasamento de amor porque uma desconsideração pelo vosso próximo.

E no campo da linguagem deveis habilitar vosso próximo a manusear o idioma com mais eficiência capacitá-lo a falar e a escrever melhor; ensiná-lo a vencer na vida pela palavra. E isso implica ensiná-lo a ler, a refletir, a comparar, a argumentar, a jogar com as palavras, aprender a cotejá-las a pesá-las, a escolher; aulas de linguagem comunicação; de redação supervisionada; sessões de oratória; aulas de leitura expressiva; declamações; jograis; interpretação de textos.

Não sejais, portanto, meros recitadores de nomenclatura; fiéis devotos de classificações e etiquetas; simples transmissores de conteúdos lingüísticos; fiscais intransigentes do idioma; fazedores de exames; participantes de reuniões onde se lamenta a incuria do vernáculo e a falta de interesse dos alunos.

Sede antes educadores no pleno sentido da palavra, despertando nos alunos o amor pelo idioma, desenvolvendo-lhes a emoção e o gosto literário que lhes afina a sensibilidade, imprimindo, desta

forma, em suas mentes as marcas de uma efetiva educação.

Nesta noite de galas, se possível fosse, gostaria de levar-vos, retrocedendo no tempo, a uma velha escola açoitada pelo minuano gaúcho. Haveríeis de ver um sábio mestre pondo em nossos lábios, versos como este:

"Estamos em pleno mar. Abrindo as velas, ao quente arfar das vibrações marinhas...

e o sangue nos pulsava nas veias, o coração vibrava: éramos o grandiloquente Castro Alves, na luta pelos direitos humanos...

Em outros momentos de alto lirismo, recitávamos o poema elíptico de Fagundes Varela:

"Eras na vida a pomba predileta..."

Tenho a memória cheia de poemas e a memória cheia de lembranças do mestre, do mestre que verdadeiramente formou e marcou nosso espírito numa espécie de eternidade terrena.

Por onde passa um homem verdadeiro, disse alguém, ficam-lhes as pegadas vivas, assinalando o percurso, no areal da vida, onde sopram os ventos do esquecimento... Quanto mais personalidade, quanto mais riqueza espiritual, quanto mais amor em cada ato, mais profundo o rastro que deixa em sua passagem. Mede-se o valor do homem não pelo que ele faz agora, mas pelo que ele deixa atrás de si, pelas marcas de sua passagem. Na educação, também se mede o valor de um mestre, a quantidade de aprendizagem, a profundidade atingida pelo processo educativo, pelas marcas que vão ficando no educando.

É esse o carisma que no desempenho de vossa profissão haveis de imprimir. Caso contrário, sereis como o bronze que soa ou como o címbalo que retine, vozes que se perdem no vazio.

Marcareis vosso próximo se vos apegardes com muito amor ao trabalho que escolhesteis

E se não podeis trabalhar com amor, mas somente com desgosto, diz-vos o Profeta, melhor seria que abandonásseis vosso trabalho e vos sentásseis à porta do templo a solicitar esmolas daqueles que trabalham com alegria.

Pois se cozerdes o pão com indiferença, cozeréis um pão amargo, que satisfaz somente à metade da fome do homem.

E se espremerdes a uva de má vontade, vossa má vontade se destilará no vinho como veneno.

E ainda que canteis como os anjos, se não tiverdes amor ao canto, tapais o ouvido do homem às vozes do dia e às vozes da noite.

Não vos falei, caras afilhadas, de recompensas materiais, de carreira fácil, de projeção social.

Falei-vos do exercício do magistério, do exercício da abnegação, do exercício do amor para com os outros.

São caminhos agrestes e escarpados.

Mas isto é belo, mas isto é grandioso e bastante para dignificar vossas existências que se transformarão em fermento de cultura e de redenção humana.